

EDITORIAL

MIX SUSTENTÁVEL VOL. 9 N. 3 — EDIÇÃO REGULAR

Tempo. Essa palavra de apenas 5 letras agrega em torno de si o próprio sentido da vida. O ser humano (dizem) é o único animal que tem consciência de sua finitude (no sentido carnal da palavra, não entrando na esfera espírita). Mesmo assim, continuamos a lutar contra o tempo, como se isso fosse possível.

Moldamos nossa vida à partir do relógio... estudamos, lemos, nos alimentamos, nos divertimos... tudo regulado pela divisão de horas, minutos e segundos. E a cada nova “invenção” humana que em tese nos permitiria maior tempo “livre”, agregamos novas tarefas, funções, burocracias, e por aí vai, de modo que são raras (se é que existem) as pessoas que ao deitar à noite não lembrem de algo que não conseguiram fazer por “falta de tempo”, e que então, poderão ser realizadas no dia seguinte. E na verdade no dia seguinte isso se repetirá, continuamente.

Já dizia George Orwell: “Who controls the past, controls the future: who controls the present, controls the past. . .” Com base nisso podemos dizer que fazemos hoje aquilo que precisamos no futuro, mas que será nosso passado amanhã.

Pensamos nisso agora porque nosso bolsista enviou a mensagem: - “vamos terminar a edição hoje? Falta apenas o editorial... mandem logo por favor”. Fazer um editorial é simples, ou deveria ser. Quanto tempo levamos para escrever duas páginas? Talvez, nesse momento, seja isso que nosso bolsista está pensando: por que tanta demora em enviar um simples editorial? É mais ou menos como o mestrando que diz as pessoas, ao ser questionado sobre quando terminará seus estudos: - falta somente a dissertação! Uma dissertação tem pouco mais de 100 páginas (algumas menos). Então se você se dedicar, consegue tranquilamente escrever 4 páginas por hora – em tempo de digitação, é claro - o que significa que trabalhando 8 horas por dia (para manter nosso padrão regulatório da sociedade), na metade do quarto dia a dissertação deveria estar pronta. Nossa!!! Matematicamente, isso parece muito simples. Mas nunca será possível concluir uma dissertação em 4 dias, a não ser, que talvez seja realizada por uma IA.

A sociedade (ou pelo menos parte dela) tem se preocupado com a associação do “fast” em tudo o que fazemos... que parece ser oriundo dos famosos “fast food”, que significa “comida preparada e servida com rapidez”. E isso é muito bom, com certeza. Quem já não apelou para isso, quando atrasados, precisamos gastar o menor tempo possível de nossas vidas nos alimentando? Me parece que até a música está ficando mais “fast”... uma letra como “Faroeste Caboclo” da Legião Urbana parece inconcebível na juventude contemporânea acostumada à riqueza intelectual das letras do “funk”.

O fato é que o mundo real, o planeta em vivemos, por exemplo, não está nem aí para nossa crescente “correria”. E isso tem impactado nosso dia-a-dia, e o que antes era sutil, hoje é visível e mensurável. Alguns sinais são mais alarmantes do que os outros, mas não se pode ignorar as mensagens enviadas pelo ecossistema.

E já que tocamos no assunto da IA, não há como não entrarmos em um assunto da atualidade, o “chatgpt”. Fiz um teste agora, e consegui um editorial para a mix em menos de um minuto. Isso é maravilhoso (será?). Precisamos entender a ferramenta para verificarmos suas aplicações na ciência. Estamos, pouco a pouco, desenvolvendo protocolos para lidarmos com essa questão. Vamos deixar para vocês, caros leitores, a reflexão. Uma vez que nossa capacidade orgânica é suplantada em milhões de vezes pela IA, talvez tenhamos finalmente o tempo para evoluirmos enquanto sociedade. Afinal, precisamos mesmo de tempo, para encontrarmos respostas as nossas mais básicas questões.

Não há como discutirmos sustentabilidade em um mundo tão desigual como o nosso, onde após séculos de civilização e “conquistas”, ainda temos pessoas morando nas ruas, não tendo o que comer ou vestir, crianças morrendo por desnutrição, ou mesmo quando vemos, de modo inacreditável, países resolvendo suas diferenças da mesma forma que as tribos da idade média faziam... só que com armas mais mortíferas.

Após isso, e para enviar o editorial ao nosso bolsista para fecharmos a edição “em tempo”, para não sermos “penalizados” em não cumprir nossa periodicidade quadrimestral, seguem os artigos da edição.

Da PUC-Minas, o primeiro artigo da edição tem por título “Avaliação do impacto ambiental causado por concreto armado utilizado em pontes” com a realização de um comparativo de impactos em quatro obras de arte especiais (OAE) em concreto armado.

Os pesquisadores da UNIOESTE, do Paraná, apresentam o artigo “Disclosure dos custos ambientais: análise das empresas de energia elétrica listadas no índice de sustentabilidade empresarial (ISE)”, que tratou da análise de desembolsos realizados por empresas do setor de energia elétrica, com a finalidade de minimizar seus impactos ao meio ambiente. A conclusão é que esses desembolsos não são tratados como custos.

Já o terceiro artigo da edição é resultado de uma pesquisa em conjunto do IME com o CBPF, e tem como título “Comportamento mecânico do Polietileno de Alta Densidade Reforçado com nanoplatas de grafeno e tecido de juta”. Importante trabalho na área de materiais, apresenta um novo nanocompósito de Juta/HDPE/0,25%GNP, que constitui um material promissor para aplicações em engenharia.

O artigo 4, também da área de materiais, é resultado de pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e tem por título “ACV de materiais

cimentícios suplementares e agregados reciclados: uma revisão sistemática”. Os autores analisaram Materiais Cimentícios Suplementares (MCS) e o Agregado Reciclado (AR), tendo por conclusão que ambos conseguem reduzir os impactos ambientais dos concretos e argamassas avaliadas, com uma redução maior quando usados ao mesmo tempo.

Também do estado de Minas Gerais, da UFVJM, o quinto artigo também é da área de engenharia civil, e tem por título “Avaliação da incorporação de resíduos siderúrgicos em blocos de solo-cimento”, cujos autores concluíram que o uso do bloco de solo-cimento nas construções com a utilização deste tipo de resíduo gera uma economia na obra e uma melhora nos aspectos ambientais.

O sexto artigo vem do INPI, e com o título “O uso de ativos de propriedade industrial na cadeia de valor da cachaça” mostra um estudo que visa destacar o potencial de incrementar a exploração das Indicações Geográficas, dada a diversidade de regiões produtoras no país e suas características intrínsecas de terrenos.

O artigo “Aspectos ambientais do inventário do ciclo de vida da taipa de pilão”, o sétimo da edição, é assinado por dois pesquisadores da UFMS, que mostram um estudo dos aspectos ambientais da taipa nas fronteiras da proposta “berço ao berço”.

O artigo 8 vem da parceria entre a UFAL e a UC de Salvador, e com o título “A relevância da estratégia ventilação natural para Paulo Afonso/BA/BR” apresentam estratégias passivas como promissoras para melhoria das condições climáticas.

E da UFSC, o artigo “Análise dos níveis de sustentabilidade: um estudo de caso do transporte de grãos utilizando rodotrilhos” mostra a busca de soluções sustentáveis para o setor de transportes, através da intermodalidade, a depender também do sequenciamento dos modais adotados na roteirização.

Mais um artigo na área da Arquitetura, o artigo 10 tem por título “Coberturas verdes: conceito, aplicação e desempenho”. Elaborado por pesquisadores da UNESP, concluiu que as coberturas verdes são soluções funcionais para se tornar o meio urbano um ambiente mais atrativo, proveitoso e benéfico para os seus cidadãos.

O décimo primeiro artigo da edição vem também do Rio de Janeiro, da UERJ, e tem por título “Uma visão geral sobre os Green Bonds no cenário pandêmico de 2020”, com dados interessantes que mostram que os países que mais emitem Green Bonds são os Estados Unidos, Alemanha e França, todos com mercado desenvolvido. Os autores observam um crescimento de emissão de Green Bonds em países emergentes, com destaque para China.

E concluindo a publicação dos artigos, o artigo 12, da UFPR, tem como título “Transparência para sustentabilidade: escopo em serviços digitais” e mostra que a transparência para a sustentabilidade em serviços digitais representa um desafio emergente para as organizações.

Complementando a edição tem-se a seção dos resumos. Não há como calcular ou mesmo estimar quanto “tempo” está envolvido em uma edição como essa. Contabiliza-se aqui toda a pesquisa realizada para elaboração de cada artigo, além de todo o tempo envolvido nas avaliações, correções, formatação e mesmo na elaboração desse editorial.

Com isso, desejamos que o tempo que você, caro (a) leitor (a) dedicar na leitura destes textos ajudem na promoção de um mundo mais sustentável.

Paulo Cesar Machado Ferroli e Lisiane Ilha Librelotto – editores da MIX Sustentável